



APOSTOLADO UNIVERSITÁRIO

pelo Dr. Daniel Serrão, Assistente
da Faculdade de Medicina do Porto.

Fundação Cuidar o Futuro



I - Introdução

Fazer o apostolado é uma condição da vida cristã. Ser cristão é ser apóstolo; o cristão vive da fé.

Onde quer que ele esteja, transporta consigo uma exigência de vida pessoal - viver segundo a Fé - e uma necessidade de vida social - fazer apostolado.

Não admira portanto que se afirme neste momento que o universitário católico tem o dever de apostolizar. Onde e como?

O princípio é geral na Acção Católica. Cada um apostoliza no seu próprio meio. Ora acontece que a Universidade é, ou deveria ser, uma situação vital de tal modo constituída que os que nela estão incluídos formam um grupo homogêneo a que se pode chamar um "meio". Quero dizer que a Universidade tem direitos e deveres particulares, de que os seus membros compartilham, de tal modo que docentes e discentes se consideram socialmente como universitários; isto é, indivíduos que vivem no "meio" universitário.

Daqui já se deduz que o universitário católico, tem de fazer apostolado como universitário, para universitários e dentro do "meio" universitário. Vejamos rapidamente as características desse "meio".

II - O "meio" Universitário

O homem não existe isoladamente; até nos existencialismos, todos mais ou menos individualistas, "existir afinal é essencialmente co-existir". Portanto o existir com os outros é a verdadeira razão de ser do meio social; mas o certo é que este meio social, uma vez constituído e armado de regras e preconceitos, exerce sobre as pessoas individuais uma influência mais ou menos marcada, que umas vezes transforma e outras modela o modo de ser da cada um. Todos nós temos o nosso meio social e sofremos a sua influência; ora a Universidade devia constituir um "meio", isto é, ser ao mesmo tempo um padrão de vida prática e um esquema de compreensão intelectual. Infe-



lizmente a Universidade é, para a maior parte dos que a frequentam e para alguns dos que nela professam, uma repartição pública com funcionários diligentes que tem o dever de dar aulas a horas certas, de marcar faltas e de reprovar.

Mas, por muito extravagante que seja o conceito que alguns universitários actuais possam formar da instituição universitária, ninguém dotado de bom senso pode negar que ela constitui, na vida de todas as nações cultas, e por conseguinte na vida portuguesa, um factor de invulgar importância e de definido interesse.

Apesar das aparências não serem a favor desta ideia, penso que o mundo e a sua evolução político-económica, são dirigidos por ideias, tão abstratas, impessoais e impopulares quanto se queira. Todos sabem, cito apenas um exemplo, que o totalitarismo marxista - monstruoso produto cuja deformidade essencial indica, tal como na biologia, algum grave defeito de concepção - é filho do abstrato, e no seu tempo supostamente inútil, idealismo de Hegel. Isto serve para afirmar que o conjunto de ideias que alimentam a vida espiritual duma comunidade é seguramente importante para o presente e para o futuro dessa comunidade; por outras palavras, a cultura é alguma coisa com interesse nacional. Ora, quer queiram quer não, a Universidade é a fonte da cultura, é a inspiradora directa ou indirecta do teor, do clima, das orientações da vida intelectual portuguesa. E, mais do que isso, é nela e com base nos seus ensinamentos que se constitui o ambiente social duma nação e se possibilita uma acção colectiva. Como escreve algures o Prof. Rosas da Silva, "no século XIX, na Alemanha, as Universidades aumentaram grandemente o ^{seu} prestígio, exercendo enorme influência nos campos filosófico, político e social. A elas se devem os progressos extraordinários da indústria e a vitória de 1870 é considerada, por muitos, como triunfo das Universidades alemãs."

Claro está que todos estes efeitos que a Universidade produz se devem à sua posição particular, pois em muitos países, como Portugal, são os seus filhos que ocupam na estrutura económico-social da nação as posições de direcção e comando e que na vida cultural constituem o escol criador. A Universidade vive da inteligência e para a inteligência; mas esta ainda ocupa, apesar de tudo, no mundo de hoje, um lugar de prestígio e de irradiação.

Compreende-se portanto que uma instituição que necessita de exercer função tão complexa, possua no campo científico e cultural iniciativa e originalidade, numa palavra, autonomia. A Universidade tem de possuir uma hierarquia de valores própria, uma mundividência esclarecida, uma renovada consciência do sentido da actual conjuntura económica, política e social, e tudo isto constitui, harmonicamente ligado e interpretado, uma "Weltanschauung" cuja transmissão, aos discípulos que a frequentam e ao meio social onde está implantada é afinal a missão cultural da Universidade, missão que está ao lado e para além da função específica de transmitir os conhecimentos técnicos. O sentido da concepção universitária do mundo, da vida e do homem define o "meio" universitário e justifica-lhe a transcendência.

III - Natureza específica do Apostolado universitário

É num meio assim constituído que o universitário, cristão e apóstolo, vai exercer a sua missão. E se apostolizar é, essencialmente, nuclearmente, a mesma missão, exercida do mesmo modo, desde há 20 séculos, desde que Cristo a criou com a Sua palavra de ordem, temos de concordar que os pormenores e as técnicas da acção prática são profundamente modificados pelas características do meio. Isso justifica que a primeira base para a divisão dos quadros da Acção Católica seja o reconhecimento da existência de meios específicos (escolar, operário, agrário, universitário). O apostolado universitário tem, por conseguinte, natureza específica e é a de ser eminentemente intelectual. Que quer isto dizer?

Quer dizer, antes de mais, que tudo aquilo que houver de fazer-se como complemento ou preparação para a conversão e conquista da alma do universitário deverá dirigir-se à inteligência; e quer dizer ainda que ao lado da conquista de almas o universitário católico deve realizar um verdadeiro apostolado de ideias lançando no meio universitário para que nele vivam e frutifiquem, as grandes teses do pensamento católico e deve, ele próprio, procurar contribuir no seu campo especializado para a permanente actualização do pensamento católico. O Santo Padre Pio XII, na mensagem que dirigiu aos



membros do 21.^o Congresso Mundial da Pax Romana, depois de acentuar que é uma exigência imperiosa do intelectual católico marcar presença no pensamento contemporâneo, ao serviço da Igreja, diz textualmente: "Este serviço será mais precisamente executado no quadro da vossa profissão, trazendo para a elaboração do pensamento cristão, os dados necessários das vossas experiências e da vossa cultura. Hoje, os teólogos católicos devem poder contar com sábios ou técnicos, filósofos ou juristas, historiadores, sociólogos ou médicos para fornecerem aos seus trabalhos uma base de conhecimentos profanos provados. No seio da Igreja e na vossa qualidade de intelectuais, é a vossa missão privilegiada".

O apostolado intelectual é pois uma missão dupla: sobre homens e sobre ideias; exercida sempre com atenção às características peculiares do meio universitário, ou seja, exercida por via intelectual.

Actuar sobre as ideias, é em última análise, trazer para o seio da Universidade, por todos os meios ao nosso alcance, o pensamento católico, as soluções que os intelectuais católicos de todo o mundo apresentam para resolver a crise do homem contemporâneo onde tantos não vislumbram mais que uma vigésima quinta hora que caminha de olhos fechados para o suicídio. Algumas vezes, quando a Universidade era ou é varrida por ideologias adversas que um grupo de alunos propaga ou um professor enuncia na cátedra e fora dela, algumas vezes, talvez não tenhamos tido a unidade e a força para lhes justapor a força e a sedução da nossa própria ideologia corajosamente vivida e intelectualmente bem assimilada.

Aqueles que hão-de constituir o escol nacional não deverão ser conquistáveis senão por um procedimento de escol que fundamente na inteligência os seus argumentos e lhes dê força atrativa com a elegância das atitudes vitais e mentais. A intelectualidade não pode nem deve ser função a exercer separadamente da vida; o intelectual informa todos os seus actos por esta qualidade pois só assim não soa rão a falso as suas palavras.

Porque os intelectuais são tanto mais produtivos quanto mais profundamente se assenhorearem da transcendência da sua missão humana e sobrenatural, e porque a sua situação de dirigentes lhes



confere uma influência social que de certo modo multiplica a sua importância, a Igreja, no plano espiritual, e a própria Nação como comunidade que é de homens com corpo e alma, tem no apostolado universitário, correctamente exercido, um poderoso meio de transformação do ambiente social.

É o momento de esboçar quais são as

IV - Tarefas imediatas do Apostolado Universitário

Este apostolado, tal como até aqui o temos concebido, pressupõe a existência de uma Universidade que seja um "meio" Universitário em seu pleno sentido. Ora, é desnecessário dizê-lo aqui pois noutros sectores deste Congresso tal problema é amplamente debatido, a Universidade actual não satisfaz. Está a meio dum caminho timidamente empreendido e não saberemos quando e como chegará ao fim. Portanto a primeira tarefa será a de contribuir para que a Universidade atinja rapidamente a sua realização plena e total. É preciso que a J.U.C. não hesite em difundir, na Universidade, de todos os modos, a mundividência cristã que completa e integra os dados fragmentados da ciência; é preciso mostrar que cada ciência só abrange a parcela de Realidade que os seus métodos lhe permitem conhecer e que é abusivo extrapolar para problemas que tem outras formas de conhecimento.

O universitário católico sente que há necessidade de rever a instituição universitária e saber quais são os pontos basilares em que assenta a verdadeira Universidade; deste Congresso sairão afirmações concretas e pormenorizadas sobre o que a Universidade deve ser; o Universitário católico, no exercício da sua missão de apóstolo intelectual, deve propagar esses princípios orientando a crítica tantas vezes injusta e incoerente e ajudando a criar o clima que torne possível uma revisão e dignificação da Universidade Portuguesa.

E quando aparecem problemas particulares, desta ou daquela Faculdade, é preciso que os saibamos estudar e resolver para que a iniciativa das reivindicações e reclamações postas não fique sempre para os "outros" e lhes sirva de óptimo meio de conquista e degrau para todas as tentativas. O universitário católico não se conforma com nada que possa diminuir a instituição que frequenta, afastando-a



ainda mais daquela "comunidade de mestres e estudantes, consagrados aos labores do espírito, com a missão de ser um foco irradiante de vida intelectual, para benefício da comunidade nacional, naquela atmosfera de sã liberdade, propícia a toda a cultura" como recentemente a definiu Sua Santidade Pio XII.

Outra ingente tarefa que compete ao apóstolo intelectual é a de repor as verdades cristãs, deformadas por mais de um século de cientismo, no seu verdadeiro lugar. O ingénuo conceito de que todos os objectos podiam ser pensados da mesma maneira - a maneira científica ou experimental - e colocados sobre um denominador comum, seduziu muitos dos altos espíritos que iluminaram a ciência do século passado e esteve na base dos sistemas positivistas. Hoje está ultrapassado; devemos às cuidadosas investigações da fenomenologia de Husserl, ideias completamente diferentes, sintetizadas na chamada teoria dos objectos. A própria ciência o reconhece pela voz de alguns dos seus mais autorizados corifeus e nada me parece mais instrutivo do que analisar a evolução do neo-positivismo desde Carnap até Russell e aos nossos dias.

Universalmente se reconhece que a ciência não mais responde aos problemas humanos; ficam de fora dos seus estreitíssimos quadros todas as angústias humanas que de Kierkegaard até aos nossos dias se tem acumulado incessantemente e que reclamam uma paz que só em Cristo se encontra.

Mas não são só os problemas que traduzem a permanente presença dum anseio metafísico na alma do homem dos nossos dias que estão a carecer da decidida intervenção do apóstolo universitário. A velha questão das relações entre a Ciência e a Fé ainda deve merecer cuidadosa atenção; não já com os temas que apaixonavam há cerca de vinte anos, porque estão ultrapassados e resolvidos, mas sim levando para a Universidade os problemas de Deus, do Cristianismo e da Igreja, em todo o rigor dos seus fundamentos teológicos e científicos, como problemas de carácter universitário quer dizer predominantemente intelectuais e capazes de nos permitirem construir uma síntese sobre o mundo, a vida e o homem. A respeito de todos os problemas ideológicos, morais e sociais existe uma posição católica ou pelo menos um modo de ser católico; é esse que haveremos de tornar conhecido



difundindo-o na Universidade para que melhor se aprecie a homogeneidade e a largueza da mundividência cristã.

Com esta especialização da missão do apóstolo intelectual, com esta purificação das suas técnicas de acção talvez não estejamos aptos senão a captar os melhores valores da vida universitária, pois é a esses que o problema se apresenta neste nível; isso é porém duplamente vantajoso. Primeiro dá ao nosso apostolado a dignidade mental que ele deve possuir; e depois, pela conquista dos melhores, dá-nos popularidade na massa, popularidade que os métodos em si mesmos não conferem, nem talvez desejem conferir, à nossa acção militante.

V - Exigências especiais do Apostolado Universitário

Acumulamos sobre o universitário católico, plenamente cõscio da sua irrecusável missão de apostolizar na Universidade, inúmeras e difíceis funções. Não será de estranhar que tenhamos de conferir-lhe qualidades particulares.

Antes de mais terá de possuir o essencial para todo o apóstolo. Terá, pois, de viver o Cristianismo, com plena consciência do Dogma da Comunicação dos Santos; terá de viver intensamente a vida da Graça, buscando nos Sacramentos a força sobrenatural que é afinal tudo no apostolado. É banal, mas é exacto: ninguém pode dar o que não tenha. Portanto a J.U.C. deve ter um especial cuidado em criar as condições necessárias para que os seus membros forneçam intensa vida de piedade, vida interior sem a qual não há no apostolado carácter sobrenatural. Esta é a formação essencial do apóstolo.

Mas a formação do apóstolo universitário obriga a inserir nesta base sobrenatural uma série de qualidades humanas, sem a qual é difícil a captação humana.

A base para o estabelecimento das futuras relações de apostolado é a criação prévia de relações humanas; essas relações estabelecem-se simplesmente com aquilo que, em cada um de nós, é humano. Por isso o apóstolo intelectual há-de procurar possuir aquela simpatia humana que nasce da permanente elegância de atitudes e do exercício de uma profunda e humaníssima sinceridade em tudo o que fizer e pensar. Há-de procurar habilitar-se com uma cultura geral sólida que lhe permita, em cada conversa, ter uma opinião equilibra-





da e sensata que pouco a pouco o vai tornando indispensável naquelas longas conversas tão próprias da juventude universitária em que se desfazem sistemas e constroem teorias mas que são profundamente úteis quando delas resultou no espírito do ateu, uma dúvida e na inteligência do indiferente um sobressalto.

Deverá, com toda a atenção, dedicar o tempo livre a adquirir conhecimentos basilares dos temas e da linguagem da filosofia e da teologia porque assim se habitua ao rigor do raciocínio e às exigências metodológicas, ao mesmo tempo que se coloca ao nível daqueles que nas nossas universidades propagandeiam filosofias diversas, muitas vezes mal assimiladas. O cultivo das ciências do espírito só francamente proveitoso quando o apóstolo intelectual compreendeu a importância de possuir hábitos de reflexão que lhe possibilitam a assimilação do que ler, a resposta às dúvidas próprias e eventualmente às alheias; pela reflexão apropriamo-nos individualmente, pessoalmente, daqueles conhecimentos que mais quadram ao nosso tipo de personalidade, e são esses verdadeiramente aqueles que depois lembram, quando necessários. Destas três qualidades - cultura geral, formação filosófica e teológica e hábitos de reflexão - nasce essa coisa impalpável que ninguém sabe definir mas que em regra todos sabem muito bem atribuir e que é o prestígio intelectual. Talvez que o prestígio intelectual seja a mais poderosa arma de influência e de conquista. Sabem-no os outros muito bem e procuram sempre vestir as suas falsíssimas doutrinas com as roupagens da intelectualidade.

Todo este plano é vasto e difícil. É mais difícil se torna quando tem de realizar-se com escassa informação bibliográfica. É indispensável que as obras de alta cultura católica, as obras de filosofia que tanto têm contribuído para mudar o panorama do mundo intelectual, os livros científicos honestamente concebidos, estejam ao alcance do estudante universitário português, em condições acessíveis. Nada seria melhor que uma Editorial Católica com possibilidades de estar em contacto com todos os centros editoriais católicos do Mundo, que traduzisse e editasse, com oportunidade, as obras que em cada época tem marcado significado teórico ou prático, que forneçam uma visão actual do estado do pensamento católico e que cuidasse também da selecção e edição dos originais dos universitários em especial dos professores. Há livros capitais do pensamento católico

do nosso tempo que só com enormes dificuldades se conseguem obter. Essa mesma Editorial poderia tomar a seu cargo a publicação de uma Revista ou Jornal que se difundisse activamente na Universidade e a esta exclusivamente se destinasse.

Ao lado da informação mundial o apóstolo universitário terá de possuir uma cuidadosa informação do meio universitário em que exerce a sua acção. Cada uma das nossas Universidades tem seu clima particular, apresenta sinais desta ou daquela influência de um Mestre ou de uma doutrina, etc.. É isso que devemos conhecer e interpretar para que a nossa acção não seja cega e uniforme mas sim cuidadosamente atenta às variações e características da nossa Universidade e até da nossa Faculdade. Um tipo de acção muito útil numa Faculdade de Engenharia pode ser vã ou prejudicial numa Faculdade de Medicina.

De tudo o que ficou exposto pode concluir-se que concebemos o apostolado intelectual como um trabalho sério, conduzido por um plano comum que dá as directrizes doutrinárias o que faz com que no domínio das ideias e das campanhas colectivas a J.U.C. constitua na Universidade uma frente única, homogênea e coerente.

Porém todo o efeito desta orientação geral depende agora da acção pessoal, individual, permanentemente exercida pela atitude do universitário católico em presença dos problemas concretos e pela activa acção de conquista e de santificação.

E para que esta acção a um tempo individual e colectiva se mantenha uniforme no tempo é indispensável que as experiências individuais sejam articuladas em reuniões de pequenos grupos: de ano, de Faculdade, de Universidade; e que a acção das três Universidades seja coordenada por um plano Nacional que crie um sentido colectivo em ordem a uma finalidade nacional.

Só através desta organização será possível fazer entrar na nossa Universidade o imenso caudal de ideias novas sobre educação, universidade e cultura, criar através delas o clima que torne possível a transformação da instituição universitária e na Universidade Nova exercer, com profundidade e eficácia, um trabalho de recristianização, com as verdades cristãs em toda a sua profundidade e pureza, para bem das almas e também para benefício da Própria Universidade.



VI - Conclusões

- 1ª. - Os Universitários católicos reconhecem a necessidade de se conferir à Universidade o seu verdadeiro significado e a sua autêntica missão, para que o apostolado intelectual possa situar-se no nível universitário que lhe compete.
- 2ª. - Reconhecem a necessidade de a J.U.C. formar os seus membros moral e culturalmente para que possam actuar capazmente na Universidade.
- 3ª. - Sugere para esse fim, a criação de uma Editorial Católica com carácter nacional.



Fundação Cuidar o Futuro